

tomie ohtake**the ultimate works**

curadoria luis pérez-oramas

nara roesler new york

abertura 10 de setembro, 18 – 20h

exposição set–out, 2026

Tomie Ohtake, *Sem Título*, 2014 [detalhe]

A Nara Roesler Nova York tem o prazer de apresentar *Tomie Ohtake: The Ultimate Works* [Tomie Ohtake: últimas obras]. Com curadoria de Luis Pérez-Oramas, a exposição reúne um conjunto de obras brancas produzido nos anos finais da vida da artista e trabalhos de suas “pinturas cegas”. “São esses dois polos dialéticos — o negro dos olhos fechados que conduziu Tomie a algumas de suas primeiras pinturas brancas e o branco cego de sua obra final — que esta exposição pretende vincular, atando o laço artístico e vital da artista, suas primeiras obras e aquelas realizadas em sua maturidade”, escreve Pérez-Oramas.

Nascida em Kyoto, em 1913, Tomie Ohtake mudou-se para o Brasil em 1936 e começou a pintar na década de 1950,

sob a orientação do artista japonês Keiya Sugano. Após um primeiro período dedicado a estudos figurativos, voltou-se para a abstração. Entre 1960 e 1963, realizou as obras que ficariam conhecidas como “pinturas cegas”. A experiência, sugerida pelo crítico Mário Pedrosa, consistia em pintar com os olhos vendados, dando maior espaço à intuição e à sensibilidade durante a execução”.

Nas décadas de 1970 e 1980, Ohtake desenvolveu uma linguagem marcada por formas orgânicas, campos monocromáticos e gradações sutis de cor, que mais tarde se estenderia à escultura e ao espaço público. Ao longo de sua carreira, participou de vinte bienais internacionais, entre elas seis edições da Bienal de São Paulo, onde recebeu o Prêmio

Itamaraty, além das bienais de Veneza, Tóquio, Havana e Cuenca. Sua obra integra coleções como as do Museum of Modern Art (MoMA), Metropolitan Museum of Art, Tate Modern, San Francisco Museum of Modern Art e M+.

The Ultimate Works retoma as “pinturas cegas” para estabelecer uma relação fundamental entre dois momentos distantes da produção de Ohtake. Se, nas primeiras obras, a artista parte da “escuridão” dos olhos cobertos em busca de uma nova forma de visibilidade, nas pinturas finais ela chega a campos brancos, densos e opacos. Para Pérez-Oramas, “aquela “escuridão” iniciática e “zen” da visão, a cegueira voluntária em busca de uma nova visibilidade que procedesse do corpo inteiro, e não apenas dos olhos, alcança sua culminação, ao final da vida da artista, no branco absoluto de suas últimas pinturas e esculturas. Nesse sentido, essas obras não são apenas “finais” (*ultimate*) cronologicamente; elas também possuem uma potência recapitulativa, uma “ultimidade” (*ultimacy*) na qual a totalidade de uma obra centenária vem a se sintetizar em uma espécie de “*kenósis*” cromática, um não-ser-nada — ou apenas branco — para chegar a ser tudo: últimos campos para as últimas linhas”.

Nas pinturas brancas, camadas de tinta se sobrepõem e se acumulam, criando espessuras que fazem as formas emergirem do plano. Vistas de longe, as obras se apresentam como campos monocromáticos; de perto, revelam saliências. A pincelada, em vez de permanecer apenas como registro sobre a superfície, produz relevo e projeta sombras sobre a própria pintura, revelando sua dimensão quase escultórica: a cor se adensa, concentra-se e, no limite, parece conter simultaneamente todas as cores e nenhuma delas.

O gesto que atravessa essas telas também encontra uma dimensão tridimensional nas esculturas apresentadas na exposição. Produzidas em aço tubular branco, elas levam para o espaço o movimento antes inscrito na superfície da pintura. Suas formas orgânicas se contorcem e se entrelaçam, criando a impressão de um fio suspenso no ar. A estrutura tubular cria diferentes incidências de luz e sombra, como se fosse possível apreender fisicamente a própria pincelada. O movimento serpenteia pelo espaço expositivo e mantém, em três dimensões, a continuidade do gesto pictórico.

Nessas obras de seu último ano de vida, Tomie Ohtake atinge um dos momentos mais consistentes de toda sua trajetória. Os tons de preto associados à cegueira voluntária do início da carreira encontram, no fim, o branco das telas e esculturas. Entre os dois extremos, a exposição propõe ler a trajetória de Tomie Ohtake como uma investigação contínua sobre os limites da percepção.

sobre nara roesler

Nara Roesler organizou sua primeira exposição de arte contemporânea, *O desenho em Pernambuco*, em 1976, no Recife; mudou-se para São Paulo em 1986, onde consolidou a galeria com seu nome em 1989, sendo hoje uma das principais galeristas do Brasil, reconhecida por desempenhar um papel fundamental na promoção, no fortalecimento institucional e na internacionalização da arte brasileira. Com sede em São Paulo, Nara Roesler expandiu seu programa para o Rio de Janeiro em 2014 e tornou-se a primeira galeria brasileira a estabelecer uma presença internacional ao inaugurar, em 2016, um espaço em Nova York, reforçando seu compromisso com a circulação global da produção artística brasileira e latino-americana.

Com o objetivo de fomentar continuamente a prática curatorial e a pesquisa crítica, a galeria criou, em 2004, o Roesler Hotel, programa que promoveu o intercâmbio entre artistas e curadores brasileiros e estrangeiros. Em 2011, foi a primeira galeria de arte contemporânea a criar uma editora, a Nara Roesler Books, hoje com mais de 30 títulos publicados. Desde 2019, a direção artística da galeria é conduzida por Luis Pérez-Oramas, em diálogo com o departamento curatorial da Nara Roesler.

Ao longo de sua trajetória, Nara Roesler tem contribuído significativamente para o desenvolvimento das carreiras de seus mais de 50 artistas, oferecendo suporte contínuo e plataformas de destaque para a apresentação de seus trabalhos em importantes instituições e coleções privadas no Brasil e no exterior. Seu programa inclui nomes consagrados, como Abraham Palatnik, Amelia Toledo, Antonio Dias, Artur Lescher, Daniel Buren, Heinz Mack, Jac Leirner, Julio Le Parc, Sheila Hicks, Tomie Ohtake e Vik Muniz; artistas consolidados de diferentes gerações, como Alberto Pitta, André Griffo, Berna Reale, Bruno Dunley, Jonathas de Andrade, JR e Lucia Koch; e nomes mais recentes, como Asuka Anastacia Ogawa,

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 3063 2344

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art

Elían Almeida, Flávia Ventura, Jaime Lauriano, Manoela
Medeiros, Mônica Ventura e Thiago Barbalho.

tomie ohtake

the ultimate works

curadoria luis pérez-oramas

abertura

10 de setembro, 18 – 20h

exposição

sep – oct, 2026

nara roesler new york

511 W 21st St, New York

contato para imprensa

com.sp@nararoesler.art

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 3063 2344

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art